

A possibilidade de uma filosofia da cultura em Lima Vaz

Cleber Junio Lima Fernandes¹

Resumo: O presente trabalho, como parte de pesquisas exploratórias, pretende aproximar-se da filosofia da cultura empreendida por Lima Vaz. Dessa maneira, pretende-se compreender como Lima Vaz enxerga o papel que a Filosofia tem diante do tema da cultura, o problema da unidade e multiplicidade desse conceito e a passagem que se opera na distinção entre cultura e ética. Para esse fim, serão analisados capítulos de livros e textos específicos do filósofo que tratam diretamente do assunto, tais como “Filosofia e cultura”, “Ética e cultura” e “Filosofia e cultura na tradição ocidental” “Cultura e filosofia”. Todos esses pontos levantados fazem arte da questão maior que é compreender como Lima Vaz pensa a possibilidade de estabelecer uma filosofia da cultura, à diferença de uma construção filosófica sobre ética. Compreende-se, que a proposta deste trabalho supera os limites de uma comunicação e um artigo, mas, como já afirmado, este será um passo de aproximação que não pretende esgotar o tema, mas levantar em linhas gerais a profundidade do tema analisado por Lima Vaz e, posteriormente, adentrar mais no universo filosófico vaziano. Para o filósofo, o ser humano é concebido, nasce, vive e morre em sociedade, de modo que sua vida se revela enraizada e transpassada pela vida de outros tantos que cercam seu cotidiano. Essa dinâmica entre prática cotidiana e institucionalização dos costumes é analisada por Lima Vaz e, em seu estudo preliminar dos significados da palavra grega *ethos*, ele encontra o significado de “morada do homem”. Uma das características que nos interessa neste trabalho é essa morada ser uma construção e reconstrução que torna um determinado espaço do mundo habitável pelo ser humano. Para o filósofo, a cultura é o espaço da realização do ser humano e, portanto, seu estudo parte de uma antropologia e se reveste como uma ontologia das formas de vida (*lebensform*), posto que outra característica dessa morada é o encerramento dos costumes, normas e valores para a ação humana dentro dela. Desse modo, a filosofia da cultura também se vê na necessidade de analisar o dever ser do ser humano em relação à sua morada. Nesse momento Lima Vaz passa a entender que cultura e ética são coextensivas, abrindo espaço para então ser pensada uma ética da cultura, que exprime a unidade analógica das culturas através do ser da cultura.

Palavras-chave: Cultura; Ética; Lima Vaz.

INTRODUÇÃO

No texto “Fenomenologia do *ethos*” o Vaz empreende um estudo da etimologia dessa palavra grega, chegando à distinção entre *ethos* com “ η ” e “ ϵ ”, pois “a primeira acepção (com eta inicial) designa a morada do homem, [...] um lugar de estada permanente e habitual, um abrigo protetor, [...] costume, esquema praxeológico durável, estilo de vida e ação” (VAZ, 1993, p. 13), ao passo que a segunda acepção indica “o processo genético do hábito ou a disposição habitual para agir de uma certa maneira” (VAZ, 1993, p. 14).

1 Mestrando em Filosofia pela Faje.

Enquanto a segunda acepção remete mais ao indivíduo, que à contraposição do impulso age de determinada maneira e indica que a personalidade ética se articula com o costume. É em relação com ele que a ação humana assume o caráter de dever-ser ou bem, portanto, assume o caráter de *logos* como expressão do ser humano no mundo. Essa passagem para o bem e o dever-ser da ação humana se dá justamente porque a morada do homem não é igual à morada do restante dos animais, dado que o bem desses últimos está ligado à *physis*, à necessidade da natureza e do instinto, ao passo que para o ser humano o bem está ligado à *práxis* e à liberdade.

Esse reino da necessidade, como Vaz afirma (1993), é rompido pela abertura operada pelos costumes através das normas, interditos e valores, sendo que eles são construídos e reconstruídos. O filósofo retoma Platão e o Bem, pois tanto ele quanto a morada são marcados como uma presença a um tempo próxima e infinitamente distante que está além de todo ser e acabamento.

A partir desse momento, Vaz desenvolve nesse artigo a problemática da ética como o saber racional do *ethos*. Contudo, a definição que Vaz encontra para a palavra instiga no leitor a curiosidade para entender como o conceito de morada do homem é desenvolvido pelo filósofo, se é possível chamar essa morada como cultura e se existe a possibilidade de estabelecer, de fato, um pensamento mais rigoroso sobre o tema e como esse pensamento se relaciona com essa própria morada, ou seja, se é possível estabelecer uma filosofia da cultura.

O avanço nas leituras dos textos escritos pelo filósofo revela-nos que ele pensou sistematicamente sobre o tema, mais especificamente nos textos publicados em revistas, e posteriormente reunidos na primeira parte da obra “Escritos de filosofia III, Filosofia e Cultura”. Eles serão a base para a incursão deste trabalho de aproximação à obra de Lima Vaz, que tenta trazer em algumas linhas os problemas por ele levantados e analisados sobre a temática da cultura, que se revelam de fundamental importância na contemporaneidade, mas que se mostram quase que perenes diante do ser humano em sociedade. Logo, podemos dizer preliminarmente que há sim uma filosofia da cultura no pensamento de Vaz.

1. CULTURA E ANTROPOLOGIA

Para que se possa pensar o conceito de cultura, para o filósofo é necessário lançar antes um olhar sobre a antropologia. Vaz (1997, p. 115) parte do pressuposto de que o ser humano é um ser expressivo que cria uma forma de vida, à distinção dos outros animais. O ser humano não recebe apenas os influxos de sua natureza animal, mas pensa e escolhe seus próprios fins, constitui bens e para nortear suas ações nas mais variadas esferas da vida cotidiana. Desta feita, “as obras da cultura surgem sempre no interior de uma esfera de interesses e estão assim sempre vinculadas à satisfação de uma necessidade humana” (VAZ, 1997, p. 7).

Segundo a leitura que Ribeiro (2017) faz de Vaz, um bem é uma categoria trazida de Aristóteles pelo filósofo e é um objeto escolhido em comum pelos indivíduos de uma dada

comunidade para ser alcançado por eles, um objetivo negociado politicamente – que inclusive é um bem em si e é pressuposto para os outros. Desse modo, um bem é o parâmetro da ação humana, conferindo a ela uma constância e uma direção (VAZ, 1997, p. 102), e é a consideração desses bens histórica e socialmente determinados que podemos denominar *ethos*.

Esses bens são organizados hierarquicamente de maneira incessante e contínua no decorrer da história da comunidade, num processo longo e trabalhoso sobre esses *valores*, “constituindo o lado normativo da cultura, ou o que designamos como seu *ethos*” (VAZ, 1997, p. 116). Desse modo, a cultura é fruto da nossa expressividade enquanto seres históricos, posto que esses valores são os bens incessantemente gerados na dinâmica da vida humana, que não cessa enquanto houver seres humanos vivos e convivendo entre si. A cultura é, para o filósofo, o desdobramento e validação da vida teleológica do ser humano.

Contudo, ainda que ela seja produto da natureza humana, resta a questão diante das diversas culturas que existem e existiram no decorrer da presença humana na face da Terra. A resposta de Vaz diante do problema da multiplicidade empírica se encontra na unidade analógica entre as várias formas de vida que os seres humanos construíram para si

porque o *ato* criador do objeto cultural é expressão da abertura do homem à universalidade do ser e é no horizonte dessa universalidade que a *obra* de cultura se situa e adquire sua idealidade simbólica. [...] A unidade é, pois, uma *unidade na diferença* (por isso mesmo unidade *analógica*) que permite ao homem *realizar-se* na pluralidade das culturas história e na rica profusão de formas por elas ostentadas. (VAZ, 1997, p. 90-91).

O filósofo lança mão do conceito de ilimitação tética, da antropologia que ele desenvolve, para referir essa unidade à abertura transcendental que o ser humano tem para o *ser*. Dessa maneira, enquanto ser de expressividade, o ser humano pode ser visto como ser-em-relação com a diferença ôntica da realidade que o cerca, influenciando sua ação com as coisas (relação poiética), com o outro (relação prática) e com o ser (relação teórica). Essa marca platônica de Vaz das três vidas permite ao ser humano *realizar* sua perfeição como pessoa diante do mundo, portanto, um ser de cultura.

2. CULTURA E HISTÓRIA

Outra questão que surge diante da multiplicidade se dá porque o modo vaziano de compreender a cultura a partir dos bens escolhidos pela comunidade dos seres humanos manifesta-se, com outras palavras do filósofo, como “seu lugar *natural* na imensa vastidão do universo, e é a partir dele que o homem pode estender sobre todas as coisas seu *olhar inteligente* e a operosidade do seu *fazer*” (VAZ, 1997, p. 101), sendo ela própria a versão humana da natureza. Entretanto, o caráter histórico da cultura leva à consideração do dado referente aos bens e à sua constituição através dos bens e valores.

O movimento paralelo entre a cultura e a vida histórica da comunidade, quando a crise nelas se instala, na cultura acontece uma ruptura da hierarquia dos valores:

Duas alternativas então se apresentam e assinalam como que o paroxismo da crise: o retorno à natureza, miticamente idealizada como último símbolo de uma cultura em exaustão, ou a *anomia* que aceita e proclama o universal não-sentido. tais foram as alternativas pelos cínicos e pelos cétricos na crise da civilização grega do século III a.C., e elas se repetem, em proporções e alcance incomparavelmente maiores, na crise da civilização ocidental neste fim do século XX. (VAZ, 1997, p. 116).

O filósofo observa através dos momentos áureos e momentos de declínio de uma dada sociedade que também a cultura tem momentos de maior. A própria tragédia de Antígona demonstra isso, com sua visão pessimista da cultura, assim como aconteceu com os cínicos gregos e os estoicos, com seu “retorno à Natureza”, e com Virgílio e sua nostalgia aos tempos áureos de Saturno, em que a *justíssima tellus* proporcionava o alimento sem as duras penas do trabalho humano.

O olhar que o filósofo lança sobre a mais remota antiguidade encontra a evidência de uma necessidade de cultura pelos seres humanos, e essa necessidade tem sombras que permanecem sobre os humanos que lhes sucederam nas mais variadas tradições. Vaz dialoga com Daraki e traz dela a relação ambígua ente homem e natureza, sustentada na tragédia *Antígona*, de Sófocles, em que o homem se revolta contra Gaia divina em um afã de produzir algo além dela. É fundamental entender que, mesmo que a tragédia tenha sido escrita em meio à crise da *pólis* e, conseqüentemente, possui uma visão pessimista da cultura, “mostra-se, de modo exemplar, a tensão entre *natureza* e *cultura*, que parece acompanhar, ora latente ora visível, todos os passos da aventura histórica do homem” (VAZ, 1997, p. 103).

Vaz tem uma visão pessimista do processo que a sociedade do séc. XX passou, pois o mundo antigo helênico e romano viu o *ethos* cristão surgir como uma mensagem *espiritual* que conseguia ordenar o fluxo da história e da ação humana, mas o mundo pós-cristão (VAZ, 1997, p. 117) as grandes forças que dominam a sociedade são de ordem material.

A pós-modernidade dá-se exatamente no hiato imenso aberto entre a *práxis* como processo incessante de produção e a *práxis* como chave de inteligibilidade de uma história que, neste século, ofereceu o espetáculo do desencadear-se das mais devastadoras formas de irracionalismo. (VAZ, 1997, p. 117)

Caberá ao ser humano do séc. XXI repropor novas instâncias ética, filosófica e religiosa, mas sobretudo novas instâncias para a relação com o *Transcendente*, encontrando uma novas experiências e consciência históricas, pois essa é a dimensão mais profunda e elevada da antropologia que Vaz empreende.

3. CULTURA E FILOSOFIA

A recuperação da tradição helênica feita por Vaz é proposital, pois o filósofo reconhece que o a sociedade ocidental é herdeira dessa cultura; a própria possibilidade de pensar filosoficamente e pensar a relação entre filosofia e cultura já demonstra a herança que as sociedades contemporâneas trazem dos helênicos. Para Vaz, a filosofia está em relação de necessidade e paradoxo com a cultura (VAZ, 1997, p. 4).

Seguindo, o filósofo afirma que no ser humano, desde os primeiros vestígios da cultura pré-histórica, já se pode encontrar inscrita a inquietação pelo *ser* e pelo *sentido*, que se manifesta na construção da cultura como morada. Primeiramente, o filósofo entende que “as obras de cultura se constituem no interior de uma esfera de interesses e estão assim vinculadas à satisfação de uma necessidade humana” (1997, p. 7), de modo que é possível entender em outras palavras que a interpretação do mundo é uma necessidade do ser humano, fruto daquela *ilimitação tética*.

A multiplicidade de culturas e formas de vida também está associada às várias formas de concepção do saber e aos universos tradicionais das representações, crenças e normas de cada cultura. A abertura do ser humano ao ser leva-o às afirmações que geraram as pretensas evidências do senso comum, “construídas segundo as lições da natureza, a primeira das quais é a da luta como caminho de sobrevivência” (VAZ, 1997, p. 5).

Contudo, Vaz retoma que foi no contexto já Jônia, no séc. VI a.C., que surgiu a necessidade de explicar as razões do saber humano não conforme aquelas certezas da cultura, mas segundo os critérios da própria razão humana. O filósofo traz de Aristóteles (VAZ, 1997, p. 7) esse caminho progressivo do conhecimento, donde a razão como contemplação desinteressada, a partir da *scholé* dos sacerdotes egípcios, propiciou a curiosidade (mãe da ciência), mas que se instaurou como tal – enquanto razão pela razão – apenas com a *theoría* grega, que foi defendida como o *tópos* mais elevado da vida do homem na *pólis* diante da distinção operada por Platão e por Anaxágoras. Pode-se dizer, portanto, que, para Vaz, esse processo foi o devir da cultura que passou do mito à razão.

Vaz retoma a distinção que Platão faz daquelas três vidas do ser humano: teorética, prática e crematística, donde a vida teorética se justifica como a vida mais elevada da realidade humana. Essa defesa não acontece apenas pelo argumento platônico, mas também com o aristotélico e o hegeliano. Mais à frente, concluímos esse ponto, Vaz conclui que

a estrutura geral da relação entre cultura e Filosofia é caracterizada inicialmente pela *necessidade* do exercício do filosofar inerente ao desenvolvimento de uma cultura que aceitou legitimar socialmente o livre uso da razão demonstrativa ou, para usar o último genuinamente grego, Da Lógica. A filosofia passa a ser então a forma exemplar da *vida segundo a razão*. (VAZ, 1997, p. 85)

Contudo, para Vaz a relação entre a filosofia e a cultura não decorre apenas da necessidade, mas também do paradoxo, pois é justamente pela justificação que os filósofos gregos fazem de sua prioridade sobre o saber humano. O filósofo estaria no *átomos* da cultura e ele se torna o agente da mudança que se operou naquele contexto, pois a filosofia passou a assumir o papel da *enteléquia* (o princípio animador) da cultura, mas como autofundamentação reflexiva dela.

Essa passagem da cultura para a filosofia como pretendente de um discurso racional daquela que a gerou cria uma tensão dialética entre ambas, pois o papel da filosofia é o de observar crítica e sistematicamente as obras da cultura em uma busca do *universal* que existe nelas. A cultura, inicialmente, é o termo fundante da filosofia, mas os papéis se invertem em um segundo momento por causa da natureza interrogadora da filosofia e pela cultura torna-se objeto dela (VAZ, 1997, p. 85).

Contudo, Vaz não perde de vista a crítica moderna sobre pretensão do *átomos* do filósofo e da tensão dialética operada principalmente pelo próprio Platão, que sugere a regência simbólica e política da cultura sobre a filosofia; por Mar, que diz da técnica “tornar-se mundo” pelo estágio final da História; Heidegger, que diz da incorporação da antiga Metafísica nas estruturas da técnica; Husserl que discorre sobre a inevitável pergunta sobre a tarefa filosófica no ser da civilização ocidental.

Para o filósofo, a modernidade corre o perigo de a cultura moderna cair no perigo do niilismo e das desconstruções (VAZ, 1997, p. 15), pois

a intenção de uma crítica da cultura contemporânea como prolegômeno a uma metafísica e a uma ética do mundo humano nessa hora da nossa história parece representar, aos olhos da moda filosófica, apenas a tentativa vã de ressuscitar vestígios arqueológicos das construções outrora edificadas pela então chamada filosofia. (VAZ, 1997, p. 16).

Ele recorre ao reposicionamento operado por Dilthey, pois, para ele, é necessário considerar que esse agente também está inserido em um contexto e é perpassado por ele, mas é esse dado que torna a dialética ente filosofia e cultura ainda presente e à consideração de que o pensamento filosófico revela-se uma hermenêutica da cultura (VAZ, 1997, p. 16); ainda mais, é uma hermenêutica de todas as áreas da cultura (religião, ética, política, história, ciências naturais, ciências humanas...), submetendo, como os helênicos faziam, as representações do senso comum ao tribunal do *logos*. A filosofia, portanto, possui o papel de uma hermenêutica genuinamente filosófica da cultura do nosso tempo. Em outras palavras, “toda filosofia é uma filosofia da cultura” (VAZ, 1997, p. 86).

Para Vaz (1997, p. 79), a própria história da humanidade no ocidente demonstra a *necessidade* de um pensamento sistêmico no coração de uma cultura que acaba por pensar a

liberdade. Ele elenca como pilares de Hércules dessa necessidade os pensamentos platônico e hegeliano, pois

em ambos os casos, tais exigências [de um pensamento sistêmico que permita pensar o universal] conduziram à posição de um Absoluto como Princípio rigorosamente *pensado* da ordem das razões, tanto na Protologia platônica como na doutrina hegeliana do Espírito. (VAZ, 1997, p. 78).

Filosofia é, portanto, manifestação da relação ente liberdade e necessidade racional, no caminho de “Inteligência Espiritual”, pois busca-se agora a liberdade como absoluta autodeterminação, pois liberdade é intrínseca à razão, como movimento da sua autoconstituição.

Dessas relações entre filosofia e cultura que advém da necessidade e paradoxo, a filosofia e sua busca do universal levam ao aprofundamento que Vaz opera no artigo que gerou o capítulo “Cultura e Filosofia: perspectiva teórica”. Nele, o filósofo se debruçou mais incisivamente sobre os aspectos ontológico e normativo da relação entre elas. Essas aberturas do filósofo serão apresentadas brevemente nos próximos pontos.

O problema da multiplicidade das culturas e a da universalidade que a filosofia pretende leva o trabalho filosófico, ainda mais com o florescimento das ciências empíricas da cultura, no séc. XVIII. A busca do *ser* da cultura pela filosofia foi questionada e a justificação dela como objeto filosófico precisou ser repensada.

Vaz (1997, p. 90) entende que a contestação não fere a busca da universalidade justamente porque a quantidade também se move na qualidade, na autodiferenciação de cada paradigma cultural. Para ele, se a cultura é um desdobramento do ser do homem, sua filosofia também é um desdobramento da Antropologia Filosófica. Esse fundamento entre as diversas culturas, para Vaz (1997, p. 90), é o ser humano por ser criador de todas elas, e considerando-as como esse ecúmeno simbólico.

Dessa forma Vaz estabelece uma distinção ao escrever:

A unidade *ontológica* da cultura – a inteligibilidade do seu ser – reside na relação propriamente dialética que vigora entre a estrutura transcendental do sujeito que se manifesta no *ato* da criação cultural a idealidade transcendental da *obra* de cultura, manifestada na forma transtemporal e transespacial que lhe assegura sua perenidade simbólica. [...] O *ato* da criação cultural deposita a *obra* da cultura no aqui e agora da existência histórica do homem e no tempo do mundo, e ela passa a existir – com uma existência precária e ameaçada – arrastada pelo fluxo das coisas temporais. No entanto, pela *forma* a obra penetra no universo simbólico, que lhe assegura uma perenidade ideal. (VAZ, 1997, p. 90)

A ligação da cultura à Antropologia Filosófica, mostra, portanto, o direcionamento ao princípio da *ilimitação tética* (VAZ, 1997, p. 90), posto que o ser humano está aberto à universalidade do ser e é esse fundamento que permite à Filosofia encontrar a unidade do ser da cultura como uma unidade *analógica*.

A herança platônica de Vaz (1997, p. 14) se revela nessa marcação da universalidade, posto que o conhecimento filosófico está para o pensamento do Uno e do Ser, é fundamental pensar a “conversão” da cultura à Ideia, que unifica a multiplicidade das culturas na história. A filosofia, portanto, põe à miríade de culturas o *outro* delas, que se reveste como *norma* (dever ser) delas mesmas. Contudo, Vaz tem mente que o filósofo tem no horizonte de sua experiência o empírico de uma cultura, o que justifica a pluralidade dos *modelos ideais* propostos, mas não desabilita o labor filosófico sobre a cultura.

Ele também mostra sua herança hegeliana ao afirmar que a relação entre filosofia e cultura, até Hegel, se estrutura dialeticamente entre os níveis “crítico, onde ocorre a *negação* da dimensão empírica da cultura; metafísico e ético onde ocorre a sua *suprassunção* em termos de ideia e de norma” (VAZ, 1997, p. 15).

A tarefa filosófica sobre a idealidade de uma cultura também observa, como visto, o *dever ser* dela, não só no âmbito da ontologia, mas também o caráter normativo da ação humana. Para Vaz, o estudo da ontologia da cultura prolonga-se necessariamente numa *ética* da cultura (VAZ, 1997, p. 93).

A própria existência da cultura é tão evidente quanto sua normatividade, e seria um erro não considerar essa dimensão. Se há escolha de bens e valores, de modo que esses bens se tornam balizas para a ação humana, a ontologia gerará a deontologia na cultura, “nesse sentido, o *ethos* pode ser dito da ‘forma de vida’ (*Lebensform*) da cultura” (VAZ, 1997, p. 93). Para Vaz, ambos conceitos – ética e cultura – são coextensivas, fazendo-nos retornar ao ponto de partida desse trabalho mostrando-nos que ética é mais que uma ciência do *ethos*, mas a ciência normativa da cultura.

Em outra perspectiva, os bens, assim como o bem que a filosofia da cultura, estão direcionados para o bem – ou o melhor, indicando a própria natureza do ser da cultura. A Ética da cultura, portanto, é um uma busca crítica para a vida boa (VAZ, 1997, p. 9) que, enquanto forma, atenta-se à estrutura ideal normativa do *ethos* e transluz a perfeição, enquanto realização compreende a contingência da estrutura em que ela se sustenta. Dessa maneira, o filósofo chega à definição que traz de Messner, que diz: “Ética da cultura propõe-se como uma Ética da pessoa modelada culturalmente” (VAZ, 1997, p. 94), liberando-se de qualquer abstração inócua, mas que observa criticamente seu objeto e o justifica.

Uma ética da cultura deverá, pois, ocupar-se com a presença normativa e diretrizes dessas noções transcendentais no imenso e complexo processo de criação cultural no qual a história humana tem a sua realidade, enfrentar seus safios e definir as alternativas do seu caminho

histórico. (VAZ, 1997, p. 97)

Esse itinerário é possível apenas pelos desdobramentos de uma sociedade que percebeu que seu *ethos* tradicional havia se tornado estreito para o aquilo que agora se pretendia surgir, dando espaço ao *ethos* demonstrativo. Ainda que o percurso das sociedades do ocidente tenha variado suas culturas, a necessidade dessa demonstração racional permaneceu. Contudo, Vaz alerta que o perigo do niilismo e da desconstrução sobre a *necessidade* da filosofia na civilização ocidental: A recusa dessa necessidade da filosofia só tem uma alternativa: a vã contestação niilista que acompanharia, com o clamor da desrazão, o avanço implacável da razão sistêmica na rota de uma civilização que teria perdido a sua alma” (VAZ, 1997, p. 80). Esses são sinais do perigo que existe na sociedade pós-moderna de que a recusa da normatividade da forma é a tragédia da cultura que regeu o ocidente até agora.

Ao filósofo que se propõe a estudar a morada do ser humano, ainda que a moda filosófica diga que ele está apenas uma balda tentativa de ressuscitar vestígios arqueológicos (VAZ, 1997, p. 16), cabe uma hermenêutica histórico-filosófica que permita novamente o ser humano encontrar, ou reencontrar, em novas maneiras sua abertura ao Transcendente, onde “a natureza, sujeito e história são assumidos no *mistério* de uma Presença na qual o homem pode reconhecer, finalmente, sua *imagem* perfeita, sua *verdade*, e seu *fim*” (VAZ, 1997, p. 118).

CONCLUSÕES

Esse trabalho, como aproximação à filosofia vaziana, ainda que breve e preambular, revela-se frutuosa e instigante. Nela reside uma vitalidade e uma força que levanta questões e suscita naquele que se sente impelido a pensar sobre o problema da cultura na sociedade dar novas respostas.

A filosofia empreendida por Vaz revela-se fecunda ao identificar a cultura como desdobramento da natureza humana, de maneira que podemos compreender tanto a miríade de culturas que existem e certamente existirão enquanto houver pessoas no mundo. Certamente, a cultura é a morada do ser humano na face da Terra, manifestando a busca do bem, e encontra na Filosofia a possibilidade sua justificação autorrefletida, tendo em conta que suas obras referentes às relações que o ser humano constrói com o mundo, os outros e o Transcendente.

A cultura ocidental, herdeira da cultura helênica, carrega esses traços ainda nesses últimos tempos, que Vaz observa com muita preocupação. No entanto, é de acordo essa cultura ocidental que reconhece a *necessidade* da reflexão filosófica sobre o modo de vida do ser humano, considerando sua historicidade.

Dessa maneira, a afirmativa de Vaz na relação entre essas duas marcas da vida humana toma maior peso: A filosofia é sempre filosofia da cultura, pois política, religião, economia, etc. são também obras de cultura (*Lebensform*). Isso abre à filosofia a possibilidade de haver

vários sistemas filosóficos também, pois o filósofo tem em vista as culturas empíricas que o tocam, mas esse dado também não impede nem desautoriza o impulso próprio da reflexão filosófica em busca do ser da cultura. Para tanto, a relação dialética de *necessidade e paradoxo* é fundamental para entender essa relação, tendo em conta que ela expressa a liberdade segundo a racionalidade humana.

Se o ponto de partida foi um desdobramento do *ethos* como morada, torna-se necessário pensar o caráter normativo do ser da cultura, posto que a hierarquia dos bens e o direcionamento da cultura à ação humana. É fundamental retornar à ética e fazer, como Vaz indica, ética da cultura.

REFERÊNCIAS

VAZ, Henrique C. de L. *Escritos de Filosofia III: filosofia e cultura*. São Paulo: Edições Loyola. 1997.

_____. *Escritos de Filosofia II: ética e cultura*. São Paulo: Edições Loyola. 1997

RIBEIRO, Elton V. Política, Filosofia Política e Sociedade. Uma leitura a partir do pensamento filosófico de Lima Vaz. *Annales FAJE*. v. 2, n. 2, 2017, p. 9-16

_____. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Edições Loyola, 2012. (Coleção estudos vazianos)